



## EDITORIAL

E lá se vai, mundo afora, mais uma edição da REVISTA PEABIRU, esta, comemorativa e de papel, sua! Desde que levantamos as primeiras poeiras virtuais *peabirulescas*, nos idos de 2012, já se foram três anos. Vagamos de Foz do Iguaçu por entre *el chaco, las sabanas*, pelo sertão e gelo, nos perdendo nas metrópoles e *ciudadelas* tão nossas. Respiramos costeando o Andes e o Pacífico; bailamos mirando o Atlântico e o Caribe. Passos tecidos em escritas, fotografias, desenhos e diferentes idiomas. Sem querer encaixotar nada ou ninguém em lugar nenhum, nem a nossa linguagem, seguimos sentindo a diversidade de cada esquina, as genuidades de cada olhar. E queremos ir mais longe!

Estamos, pela primeira vez, ao alcance das mãos, individuais ou coletivas. Nesta edição especial comemorativa, um sincero agradecimento aos colaboradores e a toda equipe que caminhou com a gente ou por entre as páginas nestes anos.

O caminho por esta América Latina e Caribe não é curto, é instigante e de tirar o fôlego, feito de contradições, cheio de sons e de silêncios!

Sigamos *caminando*?

**ADELANTE!**





## DA DIÁSPORA E DA INTEGRAÇÃO

Por Angela Souza

*Foto cedida pelo espetáculo  
Namíbia Não, dirigido por Lázaro Ramos*

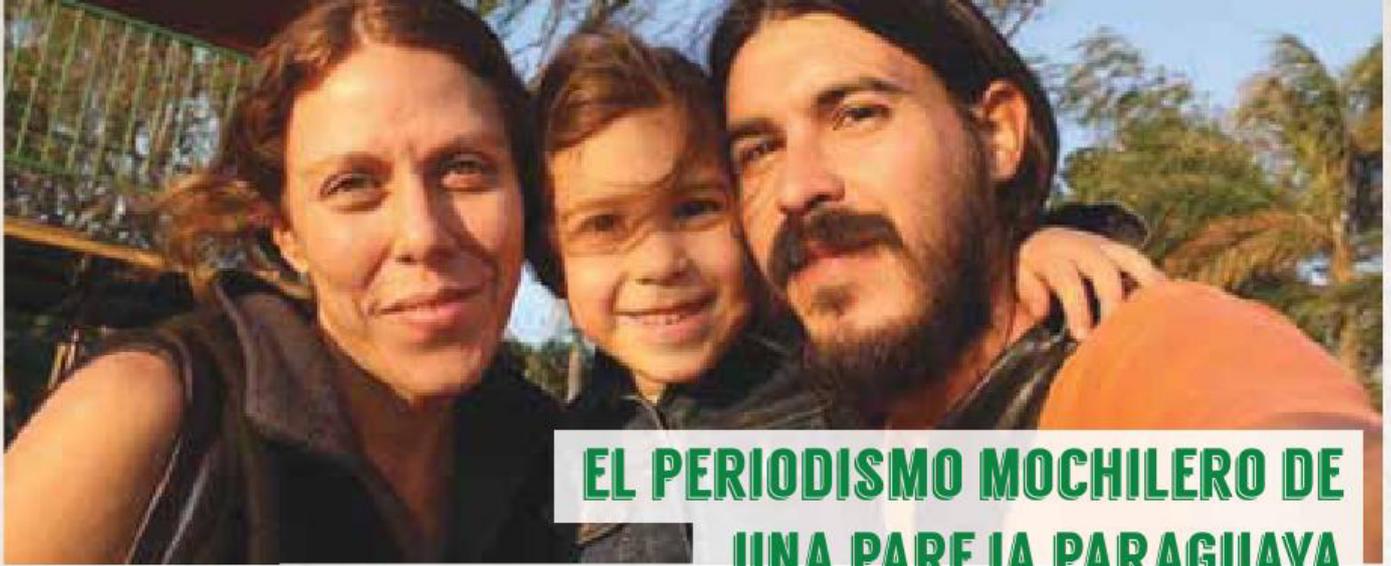
**A América Latina**, enquanto espaço geográfico-cultural, é marcada por hibridismos, composto por diásporas (Hall, 2006), recortada por trajetórias que se cruzaram em complexas práticas culturais. Refletir sobre essas práticas latino-americanas nos remete a narrativas que tomam a forma de musicalidades, de artes visuais, de corporalidades que transcendem fronteiras e criam novos cenários, novos posicionamentos políticos e estéticos que se refazem na heterogeneidade. A cultura reelabora-se além das fronteiras nacionais e se refaz justamente nos fluxos e movimentos da diáspora. Diáspora que se forma a partir de todo o processo de escravidão, com a retirada de milhões de pessoas do continente africano, de suas culturas e com seus modos de vida transladados para a América. Esse movimento forçado obrigou a essa grande massa populacional a recriar suas práticas e experiências culturais.

As diásporas que se formam dão a essas práticas estético-culturais características singulares que se posicionam politicamente, manifestam-se artisticamente e corporalmente nos usos e apropriações de práticas culturais

próprias e mescladas com novos recursos, recriando e redefinindo espaços de produção e circulação. Dentro dessa perspectiva, a capoeira é uma dessas práticas que se formam no encontro de culturas negras, vindas do continente africano, com as adaptações e redefinições culturais a que são sujeitos e gerados por todo o processo de escravidão que marcou, por mais de três séculos, o continente americano, tornando-o um continente afro-americano e afro-latino-americano.

Essa diáspora que se forma na América Latina redefine não somente suas populações, mas suas práticas e experiências culturais. Essas práticas redefinem e ressignificam experiências musicais, religiosas, corporais e estéticas que se manifestam criativamente no tensionamento gerado a partir da condição da diáspora.

A população negra da América Afro-Latina recria-se culturalmente na confluência de experiências e práticas, e a capoeira é uma das maneiras de perceber esse processo, marcado por forte teor de discriminação e racismo enfrentados com resistência.



## EL PERIODISMO MOCHILERO DE UNA PAREJA PARAGUAYA

Por Danto Giardina

**Mariel Fatecha** y Amadeo Velazques son los protagonistas de esta historia impregnada de recorridos por el continente latinoamericano. En la actualidad viven en Asunción y se desempeñan como profesores de la Universidad Nacional de Asunción, en el departamento de Periodismo. Allí desarrollan proyectos de incentivo social para fotografía y escritura como herramienta de expresión en comunidades y escuelas carentes. Planean, siempre en compañía de su hija de 8 años, los próximos viajes y caminos por descubrir, aprovechando los espacios ofrecidos por el cúmulo de países que conforman la región.

Todo comenzó alrededor de quince años atrás. Los dos paraguayos decidieron emprender una aventura por tierra, y bordeando las costas atlánticas del continente, encaminaron viajes por el litoral argentino, pasando por Brasil, hasta llegar a Centroamérica. Varias anécdotas son recurrentes en esta primera travesía. Los dos aventureros son testigos de historias de fronteras, de burocracias gubernamentales internacionales y de alternativas ecológicas para andar por los caminos elegidos. ¿Cómo realizaron estos viajes? Pues bien, llevando consigo su herramienta de trabajo innovadora: la del periodismo libre.

Mariel, hija de exiliados por la dictadura paraguaya, se formó en Argentina. Especializándose en la producción de textos, regresó a su país con la intención de relatar los diversos viajes que se propuso realizar. Al conocer a Amadeo, quién saldría también de la Argentina como reportero gráfico, tiempo después se armaron de sus propias

habilidades para transformar en texto e imágenes las experiencias de sus viajes. En 2003, a partir de esta elección, consiguieron apoyo de diversos medios europeos para publicar sus producciones. A través de un fondo especial para la cultura de Paraguay, ella edita su primer libro *Vagabundear: Anécdotas de América Latina*, donde plasma una síntesis de los conocimientos adquiridos en sus interesantes viajes. Amadeo, por su parte, influenciado por ese flujo constante de personas que conoció junto a su pareja, edita su obra *Sueños Arrebatados*, capturando con su sensible lente retratos y relatos de centroamericanos deportados de los Estados Unidos.

Aunque el apoyo venga de afuera, a Mariel y Amadeo este tipo de fomento les permite continuar conociendo gente maravillosa en cada travesía. Así, esta pareja practica un estilo de vida desapegado de ciertas comodidades materiales, pero que les da el beneficio de seguir involucrándose con el entorno en cada estación que visitan. A pesar de enfrentar dificultades que respectan a establecerse en un lugar determinado, esto no influye negativamente al sopesar sus ansias de conocer nuevos destinos, y reconocen estas situaciones como un requisito para continuar promoviendo el contacto del ser con el espíritu. En su caso, el espíritu viajero.

El viaje de esta familia en migración continua, está lleno de relatos e imágenes de las maravillas que van descubriendo de nuestra América. Amadeo y Mariel, son un ejemplo más de la integración a la que está destinada esta tierra.



**Nesta nova** velha obra da vida, Antônio, nascido na Patagônia argentina, persegue sua vontade com uma ambição desambiciosa e escolhe, em um determinado momento da vida, a região Trinacional para o pouso. Expulso de casa por si próprio depois de não conseguir escolher entre um dos países, Antônio aprendeu a fazer arte para comer e viver. Primeiro, com desenhos e pintura em tela, depois talhando a madeira. Aos 19 anos, encontrou abrigo na mochila que carregava nas costas, no instinto da alma, na coragem que tinha no peito. Percorreu a Argentina em um circo, dando início a uma vida cigana. A magia do picadeiro e dos hippies apenas mascarava o olhar triste ao tentar entender a tortura e a ditadura militar argentina. Foi aí, então, que conheceu a fronteira de Argentina, Brasil e Paraguai, que passou a considerar seu local de parada. Um descanso para o corpo entre as andanças e as vontades do espírito. Margeou o litoral brasileiro, chegou às Guianas, no extremo norte da América do Sul, perambulando, fazendo arte, vivendo e refletindo. No caminho, obras, amores e filhos – incontáveis. Para ele, não há dia triste, ruim ou desilusão.

Cada um carrega em si tudo o que precisa para ser feliz: o raciocínio. A partir dele, tudo pode ser alcançado, aprendido, feito, conquistado. Mais maduro, com a perna cansada pelos anos de pés no chão e com a cabeça no céu, Antônio faz arte e reflete sobre o mundo em um assentamento novo de Foz do Iguaçu, bastante perto do rio que separa as terras de Brasil e Argentina. Em Foz, cuida da família e vende suas obras a restaurantes e hotéis. Conclui, sem leituras sociológicas ou filosóficas: há problemas sérios no sistema em que vivemos; o capitalismo transforma o homem em animal selvagem; Escola e Justiça não foram feitas de verdade ao povo; os problemas do mundo são a vaidade, a ambição e o orgulho. Uma história sensível e impactante como a vida real, e legítima e envolvente como o vento. “Minha vida vale um livro”, dizia. Vale sim, seu Antônio.

Eis a orelha.

# ORELHA DE LIVRO

Um céu para sonhar e um chão para correr

Por Renan Xavier

Fotos Michele Dacas



# TRABAJADORES DEL CARIBE

Um ensaio fotográfico dos trabalhadores do Caribe que remete às cores e ao movimento daqueles que transformam um lugar exótico em seu cenário cotidiano Por Michele Dacas

**Os trabalhadores** transitam todos os dias pela areia fina e branca das praias da ilha de Barú, localizada no litoral colombiano, mas o corpo, mesmo exposto ao sol, movimenta-se de costas para o oceano verde-esmeralda que os cerca. Poderia ser apenas uma indiferença diante de tamanha beleza, se o que estivesse naquela areia não fosse, também, a tal sobrevivência, que para alguns visitantes é inoportuna e incomoda aquele aparente sossego que as vitrines do turismo conseguiram vender, mas que a realidade, naquele estreito feixe de praia, faz desaparecer diante dos nativos que gritam *"cocada, collares, cerveza, piña, mangos, masage, pescados"* e por aí vão eles...

O incômodo frente à oferta interminável de produtos e serviços na praia é atenuado com o passar de uma gente que sorri e brilha cotidianamente pelas areias da paisagem exótica. Uma visão que é somente perceptível - apesar das sonoridades, sacolejos e ornamentos que os revestem - aos sentidos dos visitantes mais atentos ao que é próprio do local e não ao que é mercantilizado dele.

Por essa reflexão que apresentamos o ensaio com vistas ao sensível das gentes que habitam o Caribe, seus gestos, seu trabalho e suas cores. Compartilhamos o transitar alegre descoberto pelo calor da ilha, sobre o qual a cozinheira Maria Garcia nos desautoriza qualquer julgamento quando afirma:

*"O sol é a nossa sombra"*.

# COMO AS COISAS VOADORAS SÃO



*Aquela viagem me lembrava a minha infância. Desde essa época o mim já não me satisfazia. Eu queria um pedacinho do outro, eu queria o dia, a casa de qualquer não-eu*

A minha família não comemorava nada, ela não conversava calorosamente na sala, não tinha prato predileto, eles eram ocupados demais tentando viver para viverem. Por isso eu gostava dos aniversários dos vizinhos, eu adorava as conversas de cozinha, eu adorava a invisibilidade que ser um menino me proporcionava, porque assim eu podia participar da família alheia do jeito que ela era naturalmente, sem perturbar o correr das coisas.

Era a mesma emoção de caçar gafanhotos no mato do fundo do quintal: quanto mais quieto eu pudesse ficar, maiores eram as chances de eu pegar alguma coisa.

...

Nós havíamos chegado naquela praia de uma areia branca e soltinha e o meu primo-que-fora-posto tirara sua bicicleta do porta-malas do carro, encaixara o

que parecia uma roda de hamster presa por duas varas nela e estava agora voando.

Eu não sabia que tinham inventado bicicletas voadoras e, agora, olhando assim, é tão óbvio o funcionamento! Eu poderia ter inventado isso!

- Deixa-me voar um pouco?

- Eu acho que não voa contigo... Por causa do peso...

Então eu olhei para o que era meu corpo e ele já tinha crescido, ainda era invisível, só que ele estava grande agora.

Eu havia gastado uma vida tentando ser outro e agora estava a uma vida de distância de encontrar o que era ser eu.

De Michel Varão  
Ilustração Rafael Maier



## O PROJETO

A Revista Peabiru é um projeto de extensão realizado com o apoio da Secretaria de Comunicação Social (SECOM) e do grupo PET Conexões e Saberes, e conta com a participação da comunidade da UNILA, além da colaboração de autores externos. O projeto surgiu com a ideia de produzir uma revista que dialogue com o contexto cultural da América Latina e da região das Três Fronteiras, que envolve a Universidade. A Revista tem por finalidade contribuir para a integração dos diferentes cenários culturais manifestados pelas distintas vozes que ecoam por estes espaços.

## EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Por meio das Ações de Extensão da UNILA, propõe-se uma relação baseada na troca de saberes e no diálogo transformador entre a universidade e sociedade, constituindo-se como intermediadora desta relação. Assim, trata-se de atuação voltada para os interesses e necessidades da população, aliada a atores sociais para superar as desigualdades e implementar o desenvolvimento inter-regional de políticas públicas. A Extensão da UNILA atua através de programas, projetos e demais ações, com participação aberta a comunidade, incentivando a inclusão social, a diversidade cultural e a produção de conhecimentos capazes de promover a integração econômico, social e política na região Trinacional do Iguazu. A Extensão na UNILA é reconhecida como instrumento de criação de redes de conhecimento regional e de inclusão de atores sociais locais e está vinculada ao processo de formação de pessoas (ensino) e de geração de conhecimento (pesquisa), colocando o estudante como protagonista de sua formação técnica e cidadã.

## EXPEDIENTE:

Coordenador do projeto: Renan Xavier  
Orientação pedagógica: Débora Cota

Idealizadora e Editora: Michele Dacas

Bolsistas: Rafael Maier e Vicente Giardina

Projeto Gráfico *Edição Especial*: Sarah Scholz Dias e Roger Dourado | PROEX

Diagramação e Ilustração: Anitta Delvalle

Revisão: Jacqueline Couto, Eva Taberne, Silvana Mamani

Imagem do pôster: Romain Corman

Apoio: Grupo PET/Conexões de Saberes  
Secom - Secretaria de Comunicação Social  
Pró Reitoria de Extensão | PROEX

## CONTATO:

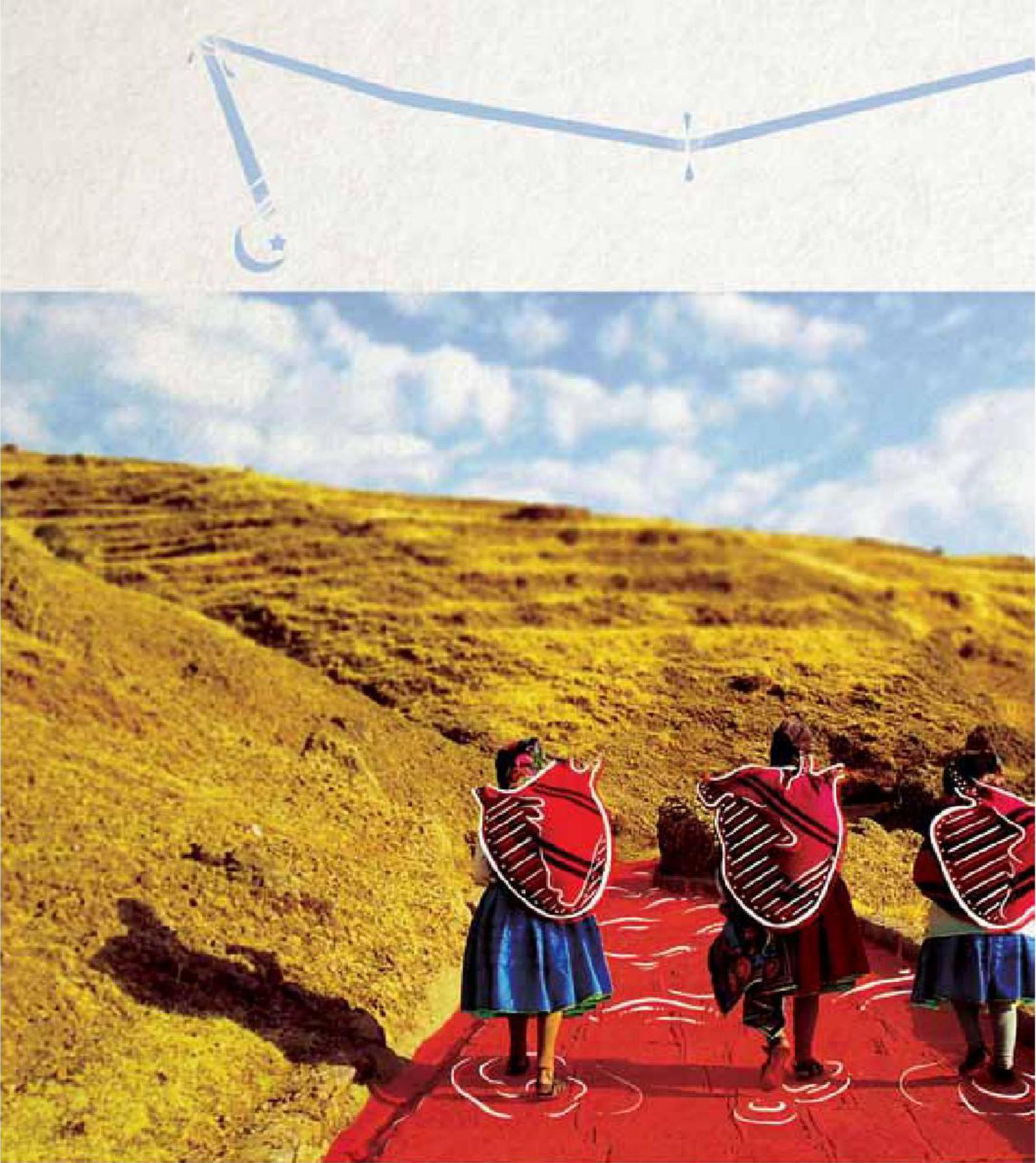
[revista.peabiru@unila.edu.br](mailto:revista.peabiru@unila.edu.br)

[unila.edu.br/revistapeabiru](http://unila.edu.br/revistapeabiru)

## Colaboradores:

Adolfo Delvalle, Aldri Anuniação, Alexande Varella, Ana Fonseca, Analía Chernavsky, Anderson Andreatta, Andrea Lourtet, Andrea Moassab, Angela Munoz, Angela Souza, Atilon Lima, Bárbara Arisi, Besna Yacovenco, Bruna Padilha, Bryan Gonzales, Carlos Cesare, Christiano Takatsch Castellano, Daniella Galli, Danielle Araújo, Derlis Sandoval, Diana Araujo Pereira, Estevan Reder, Eugênio Passos, Elena Mesa, Eva Taberne, Francieli Rebelatto, Gerson Ledezma, Giane Lessa, Gilmar Almeida da Silva, Guilherme Cardim, Ives Tomasini, Irene Porzio, Ivich Barret, Jeff Costa, João Pedro de Melo Porto, Jonathan Gómez, Jorgelina Tallei, Katyta García Velèz, Lays Lane, Letícia Schrank, Lucas Aguiar, Luciana Balbueno, Luísa D'Arezzo, Luiz Bernardo Souza, Marco Polo Gomes de Azevedo, Marcos Labanca, Maria Aparecida Webber, Maria Inês Amarante, Maria Martelo, Maria José Haro, Maurício Ferreira, Maruan Sipert, Michel Varão, Mirtha Kogelski, Natali Zamboni, Nay Araujo, Nilson Araújo de Souza, Patrícia Librenz, Paola Michelle, Rodrigo Birck, Rodrigo Trevisan, Rolando Llanque, Romain Corman, Sandra Narita, Smaria Mamani, Taisa Lewizki, Tania Marin, Victoria Darling, Vitor Taveira.





"O grande desafio consiste em realizar a integração cultural sem submeter uma cultura a outra, ou sem borrar a diferença, mas preservando, como elemento criativo, a rica diversidade de culturas que caracteriza os povos latino-americanos. Para isso, é importante que cada povo ou etnia, ao mesmo tempo que valorize sua cultura, conheça e valorize a cultura do 'outro' que, simultaneamente, é parte do 'nós'. Nilson Araújo de Souza

"Encontré lugares en los que seguramente volveré por más tiempo, ciudades y pueblos inspiradores para escribir un libro o para leer muchos. Lugares para tener un romance único. Sitios con energías místicas, renovadoras. Sentí como si el tiempo no pasara, como si fuera más importante sentarse y admirar el mundo. Latinoamérica es un enorme libro abierto por explorar y conocer". Daniel Sánchez



"Talvez seja o momento de começarmos a ouvir a voz dos povos historicamente subjugados que, em sua silenciosa e constante resistência na longa noite do colonialismo, trazem uma luz que carregavam em segredo em sua caminhada: a espiritualidade, a harmonia, o respeito e a conexão com a Pachamama, a mãe natureza". *Vitor Taveira*

